

Tribuna Operária

da Luta

ANO V — Nº 165 — DE 30 DE ABRIL A 6 DE MAIO DE 1984

Cr\$ 300,00

Amigo Leitor, este jornal custa Cr\$ 300,00 mas, se você puder, pague Cr\$ 500,00 para ajudar a reconstruir nossa sede destruída pelo terror fascista

O povo ganhou, mas não levou (ainda)

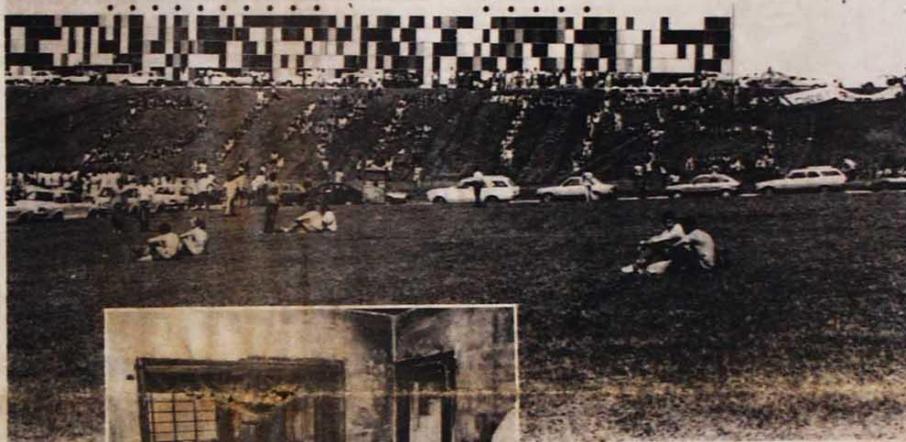
Emenda rejeitada a golpe de chibata

A rejeição da emenda Dante de Oliveira pela minoria do Congresso Nacional (298 votos a favor, 68 contra e 113 abstenções) foi um ponto alto da crise do regime militar, que entra agora numa nova fase e promete atos de massas ainda maiores. Págs. 3, 4 e 5

Brasília-Urgente

A luta pelas diretas-já não parou um só dia com a rejeição da emenda Dante de Oliveira. Pelo contrário, logo na quinta-feira dia 26, de mangas arregaçadas, a Coordenação Nacional Suprapartidária Pró-Diretas se reuniu e fixou as diretrizes da nova fase da luta. Por sua vez, o PMDB já tem substitutivo para a chamada emenda Figueiredo, que pretende jogar as diretas para 1988. A proposta do PMDB é derrubar o adiamento das diretas, e no início da tarde de quinta-feira o substitutivo já contava com 150 assinaturas de parlamentares de diferentes partidos, encabeçadas pela do próprio Ulysses Guimarães.

O PMDB apresentou também seu candidato a presidente da Comissão Mista que se instala quarta-feira para apreciar a emenda Figueiredo. Trata-se do deputado pernambucano Jarbas Vasconcelos, cuja conduta combativa data dos períodos mais negros do arbítrio. Jarbas Vasconcelos está resolvido a não ser um mero coordenador de comissão técnica nem trabalhar de costas para a nação. Ele quer ouvir operários, estudantes, políticos de todos os níveis e posições, sindicalistas, empresários, entidades democráticas, toda a sociedade civil. E pretende ajudar a relançar as manifestações de massas para os brasileiros votarem para presidente ainda em 1984. O modelo dessa postura será o saudoso senador Teófilo Vilela quando presidente da comissão mista que aprociou o decreto da anistia, em 1979. (da sucursal)



Diante do Congresso Nacional, em Brasília, manifestantes escrevem com seus próprios corpos a exigência que contagiou todo o povo brasileiro: abaixo, vista parcial da redação da Tribuna Operária após o covarde incêndio perpetrado pelo terror fascista na madrugada do domingo de Páscoa, para tentar silenciar o jornal.



Foto: Carlos Leite

EDITORIAL

1º de Maio, 1ª resposta

No Dia Internacional do Trabalho a classe operária dará a primeira grande resposta ao veto da emenda Dante de Oliveira, imposto a golpes de chibata no último dia 25. De punhos erguidos, os operários manifestarão a sua indignação e tratarão de reagrupar suas fileiras para as próximas jornadas. Gritarão com todas as forças que é inadmissível o rebenque de um general fascista ter mais valor que o anseio de 130 milhões de brasileiros.

Nesta nova situação criada no Brasil, esta sim de verdadeira emergência, os operários e todos os trabalhadores têm a responsabilidade de encontrar os caminhos para uma comemoração unitária no país inteiro e em particular nos grandes centros industriais. E de realizar em cada local uma manifestação vibrante, com ampla participação de massas. Isto representará um passo importante para que o proletariado ocupe um lugar de mais destaque na nova fase da campanha pelas diretas já e pelo fim do regime militar. Ao fazer isto estará também contribuindo para sanar um dos pontos débeis da batalha travada até o momento, que era a organização ainda frágil das forças populares.

O proletariado toma consciência, diante da intransigência dos generais, de que a situação exige a colocação de novas reservas em campo; tanto a incorporação de novos contingentes como o avanço para formas de luta superiores. Certamente será colocada em discussão nestas manifestações de 1º de Maio a preparação de uma greve geral. Se além das manifestações de milhões na rua o clamor pela liberdade se espalhar para os centros vitais da produção, talvez os ouvidos surdos dos generais sejam atingidos.

O povo ganhou mas não levou, é o sentimento geral dos trabalhadores. É inaceitável que pouco mais de um terço do Congresso Nacional possa se sobrepor à vontade

da nação. Por compreender isto, o proletariado associa o seu sentimento de revolta com a decisão de prosseguir no combate e com a esperança de vitória. A luta continua, pois mais do que nunca se coloca na ordem do dia a ruptura com o regime militar e a construção de um novo governo, provisório, representativo das forças democráticas e do movimento popular. Neste período o combate tomou a forma de diretas já e foi capaz de unir a quase totalidade dos brasileiros.

É claro que os acontecimentos do dia 25 colocam a necessidade de reajustes para enfrentar as novas condições. A situação se tornou mais aguda, tanto pelo amadurecimento das massas populares como pelo absoluto isolamento e descrédito em que foi colocado o governo. Permanece a urgência das grandes manifestações de rua, dos grandes comícios, agora mais amplos e mais organizados. E reafirma-se a necessidade de uma política unitária, capaz de aglutinar o extenso leque de forças já envolvido na campanha das diretas já. Mas é preciso ter capacidade para realizar isto tudo acompanhando as mudanças no quadro nacional.

O proletariado tem a responsabilidade de jogar mais força na vida política do país. Particularmente agora quando o governo, acantonado no Palácio do Planalto pelo ódio popular, fala em negociar um governo de compromisso. E logo encontra eco em setores facilitados da oposição. O 1º de Maio massivo e unitário será além de uma resposta vibrante ao general Cruz, um antídoto eficaz contra esta nova manobra, igualmente destinada a golpear as aspirações de liberdade e democracia dos brasileiros. Todas as reivindicações econômicas dos trabalhadores estarão neste dia profundamente entrelaçadas com a palavra de ordem nacional diretas já.



Terroristas incendeiam Tribuna

Na madrugada do domingo de Páscoa, agindo na calada da noite, terroristas da extrema direita invadiram e atearam fogo no prédio onde funciona a Tribuna Operária, em S. Paulo, deixando parte dele em ruínas. Horas depois, com o prédio sob custódia da Polícia Federal, Militar e Civil, ocorria outro crime: o saque. Págs. 6, 7 e 8

Governo mata para obedecer ao FMI

A onda revolucionária que assola a América Central atinge agora também a República Dominicana. Desde o início da semana passada os trabalhadores desse país realizam vigorosas manifestações de protesto contra o absurdo aumento de 200% imposto pelo FMI em gêneros de primeira necessidade: pão, óleo de soja, leite em pó, farinha de trigo. Em resposta aos protestos populares, o governo social-democrata do presidente Salvador Jorge Blanco soltou a polícia contra os trabalhadores. O resultado é uma tragédia que beira a guerra civil: quase 60 mortos, 200 feridos e mais de mil presos.

A República Dominicana, com 5 milhões e 500 mil habitantes, tem sua política econômica ditada pelo FMI. O desemprego atinge 25% da população apta para o trabalho. O país já sofreu várias invasões dos Estados Unidos, a última das quais, em 1965, com a colaboração dos soldados enviados pelo general Castelo Branco, então na chefia do regime militar brasileiro. Quando encerrávamos esta edição, as manifestações prosseguiram no país.

Reagan cria grupo terrorista para atacar forças populares

Ronald Reagan acaba de criar esquadrões paramilitares para atacar os movimentos de libertação. Este o conteúdo do "decreto secreto" assinado pelo chefe do imperialismo ianque no início do mês.



A desenvoltura com que age a CIA e seu aberto engajamento em provocações armadas contra países soberanos não são acidentais, nem fruto apenas da ação deste ou daquele "falcão", como são chama-

dos os duros nos EUA. A CIA, como parte integrante do governo de Washington, atua diretamente sob as ordens do ocupante do trono da Casa Branca, Ronald Reagan. E, embora os atos terroristas e de subversão perpetrados por seu governo, ferindo os mais elementares normas do direito internacional, encontrem o repúdio do povo norte-americano amante da paz e da liberdade, e da opinião pública do mundo inteiro, nada parece indicar uma mudança de atitude por parte do imperialismo ianque. Ao contrário, anuncia-se um recrudescimento da ação intervencionista de Washington por toda a parte.



DECRETO SECRETO
É o que se desprende das recentes declarações de autoridades estadunidenses e do decreto secreto assinado por Ronald Reagan a 3 de abril sob a denominação de "Ata de Segurança Nacional 138". Este decreto dispõe sobre a criação, pelo FBI e pela CIA, de esquadrões paramilitares com a finalidade de "prevenir ações e responder a ataques terroristas". Ao lado disso, a administração Reagan está em vias de reter ao Congresso projeto de lei permitindo o pagamento de 500 mil dólares a quem der informações precisas sobre "terroristas" dentro ou fora do país. Prevê-se ainda a criação de comandos especiais nas Forças Armadas, com a participa-

adotemos todas as medidas defensivas que podemos, que sejam apropriadas para nossa sociedade em locais que nos preocupam".

AMARGANDO DERROTAS
Vê-se, pois, que com inusitado cinismo os governantes norte-americanos, pretensos policiais e tutores do Planeta, tentam assumir o papel de acusadores quando na verdade são os réus. Acuados pela maré montante das lutas de libertação nacional, lançam sobre as forças patrióticas que se batem pela liberdade e independência em todo o mundo o anátema de terroristas. Amargando derrota após derrota nos campos de batalha e na frente diplomática, e encontrando-se em dificuldades para coordenar ações com os próprios aliados, o imperialismo ianque desespera-se e recorre a ações criminosas.

Sob o manto da luta contra o "terrorismo", o governo belicista de Ronald Reagan atira-se a uma cruzada liberticida e intervencionista, tendo como alvo principal os povos em luta e as nações soberanas. Esta cruzada, que tem como brigadas-de-choque as ditaduras militares, os comandos especiais, as forças de rápida intervenção, a falanges e todos os exércitos líteres e mercenários a soldo de Washington, revela um eloqüência quem são os verdadeiros terroristas internacionais. (José Reinaldo Carvalho)



Foto: L. Carlos Leite

Ajude a Tribuna Operária

Trabalhador! Democrata! Responda ao ataque dos fascistas à Tribuna Operária. Faça uma assinatura do jornal. Se não puder fazer a assinatura de reconstrução, faça uma assinatura simples. Precisamos de seu apoio político e material.

Desejo receber em casa a Tribuna Operária. Envio cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., no valor abaixo assinalado. Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista, São Paulo, SP, CEP 01318.

Assinatura de Reconstrução: Cr\$ 30 mil ()

- () Anual de apoio (52 edições) Cr\$ 20.000,00
- () Anual comum (52 edições) Cr\$ 10.400,00
- () Semestral de apoio (26 edições) Cr\$ 9.000,00
- () Semestral comum (26 edições) Cr\$ 4.500,00
- () Anual no exterior US\$ 70,00

Nome:

Endereço:

Bairro: Cidade: Estado:

CEP: Profissão: Data:

Tribuna Operária

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - São Paulo - CEP 01318
 Telefone: (011) 3330 0111. Fax: (011) 3330 0112
 Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira
 Conselho de direção: Rogério Lottici, Bernardo Joffe, Cláudia Rangel

A TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação de Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta e impressa por Progresso Editorial, Rua Victor Pereira, 138, Vila I - Tel. 363.7400 - São Paulo, SP

Sandinistas expulsam Arde da Nicarágua

Após intensos combates durante três dias, em 17 de abril o Exército nicaraguense conseguiu expulsar de San Juan del Norte as forças mercenárias da ARDE (Aliança Revolucionária Democrática), comandadas pelo caudilho reacionário Eden Pastora.

Contudo cerca de 12 mil combatentes da FDN (Força Democrática Nicaraguense) e 4 mil da ARDE continuam desenvolvendo operações militares no interior da Nicarágua. A FDN prossegue suas provocações armadas nas províncias nordestinas de Matagalpa, Esteli, Nova Segóvia, Zelaya e Jinotega, num raio de 13 mil quilômetros quadrados. Suas bases localizam-se em Honduras, onde obtêm todo tipo de ajuda e facilidades da parte do regime reacionário e pró-americano ali vigente. A ARDE, por sua vez, opera a partir do território costarricense.

Além dos choques militares, nos últimos dias produziram-se importantes desdobramentos políticos de repercussão internacional, relacionados com as provocações imperialistas contra a Nicarágua livre e soberana e em toda a América Central.

SOB AS ORDENS DA CIA

Em depoimento prestado perante o Comitê de Inteligência do Senado norte-americano, o diretor da CIA,

William Casey, admitiu o envolvimento da Agência no "escândalo das minas", como o episódio da instalação de minas em portos nicaraguenses está sendo chamado pela imprensa internacional. Admitiu ainda a participação da CIA na explosão de refinarias na Nicarágua. Logo em seguida vieram à tona importantes denúncias vinculadas com acontecimentos sucedidos desde outubro do ano passado, quando, a partir de uma embarcação norte-americana ancorada a cerca de 12 milhas das costas da Nicarágua, a CIA supervisionou ataques contra instalações portuárias daquele país. Segundo essas denúncias, veiculadas pela imprensa norte-americana, a CIA forneceu armas, munições e lanchas a comandos de mercenários treinados especialmente para realizar atos de sabotagem.

No dia 23, a opinião pública norte-americana e internacional, estarecida e indignada, tomou conhecimento de denúncias sobre a participação da CIA na elaboração



Os guerrilheiros em nova ofensiva no segundo turno da farsa eleitoral

e execução da estratégia militar da ARDE. Consta que a CIA tem fornecido grandes quantidades de armamentos e centenas de milhares de dólares à organização de Eden Pastora, com o objetivo específico de desencadear as operações militares ocorridas nas últimas semanas, afinal malogradas. Agora, a CIA vem fazendo gestões junto à direção da ARDE e da FDN para que celebrem uma aliança a fim de tor-

nar mais eficazes as suas ações contra-revolucionárias.

Tudo isso vem criando grande alvoroço nos EUA. O povo norte-americano vê o país ser arrastado a novas aventuras militares, sob a orientação belicista da administração Reagan. Enquanto isso, o governo tenta forçar o Congresso a aprovar uma ajuda militar de 21 milhões de dólares para as forças anti-sandinistas.

Revisionistas rendem-se ao FMI na Iugoslávia

Em um acordo com o FMI, o governo da Iugoslávia adotou recentemente uma série de medidas contrárias aos interesses dos povos deste país. Em troca, recebeu deste instrumento do capital financeiro internacional um crédito de 390 bilhões de dólares, destinados a "ajudar" o país a cobrir seu déficit no balanço de pagamentos. Entre as medidas impostas pelo FMI estão a desvalorização da moeda iugoslava para incentivar as exportações, a diminuição dos gastos públicos e um futuro aumento nos juros bancários.

Esta submissão ao FMI, semelhante à brasileira, não causa surpresa, pois a Iugoslávia apesar de se autoproclamar socialista nada tem em comum com o verdadeiro socialismo, que garante a real independência econômica e política do país.

Logo após sua libertação dos invasores nazistas a Iugoslávia, sob a direção dos revisionistas titistas, enveredou pelo caminho do "socialismo" autogestionário em colaboração com o capitalismo internacional, com o norte-americano em primeiro plano.

Na Iugoslávia reina a anarquia na produção. Os chamados "Conselhos Operários" dirigem as empresas que atuam dentro das leis do mercado. Os capitalistas estrangeiros têm representantes diretos nestes conselhos. Assim, os imperialistas ali encontraram campo fértil para exercerem a exploração. Tornaram-se sócios do capitalismo

camuflado iugoslavo na apropriação das riquezas do país e da mais-valia extraída dos operários. Somente os EUA aplicaram na Iugoslávia mais de 7 bilhões de dólares sob a forma de investimentos.

OS PROBLEMAS AUMENTAM
No país onde o poder político encontra-se nas mãos dos burocratas autogestionários, as condições de vida dos trabalhadores pioram a cada dia e a crise econômica aumenta. A própria agência de notícias iugoslava, TANIUG, afirma que na 12ª reunião plenária do Comitê Central da Liga dos "Comunistas" Iugoslavos recentemente realizada, o tema central discutido foi a crise econômica. "A situação é séria, os problemas aumentam de ano a ano e não conseguimos controlar a inflação", declarou o presidente do Conselho Executivo Federativo, M. Planitch, tentando justificar as negociações que o governo estava empreendendo com o FMI.

Com efeito, a situação é séria. O desemprego já atinge cerca de 1 milhão de trabalhadores, cerca de 10% da população economicamente ativa do país, sem contar os milhares de emigrantes que vagam pelos países da Europa Ocidental. A dívida externa, de mais de 20 milhões de dólares, é uma das maiores do mundo em termos per capita, representando metade do PNB. Assim, as consequências do "socialismo" autogestionário iugoslavo são miséria para o povo e submissão do país ao imperialismo. (Agênio Silva)



Os mercenários da Arde tiveram que fugir de San Juan del Norte

Ofensiva da FMLN na véspera da eleição em El Salvador

Baterias antiaéreas das forças patrióticas salvadorenhas alvejaram em 18 de abril dois helicópteros dos EUA, num dos quais viajavam dois senadores e membros da embaixada ianque em Tegucigalpa. Os helicópteros sobrevoavam uma área de operações da FMLN em El Salvador.

A rádio "Venceremos", dos guerrilheiros, denunciou que "a afirmação de Washington segundo a qual o helicóptero foi atacado em território hondurenho visa unicamente justificar a continuidade das agressões norte-americanas contra El Salvador".

Uma ofensiva contra ataques das forças ianques mobilizadas em manobras Granadero-I possam

desferir contra os guerrilheiros, todas as unidades da FMLN que atuam na província de Morazán, próxima da fronteira com Honduras, encontram-se em alerta.

BALIXAS DOS FASCISTAS
A rádio "Venceremos" anunciou ainda que 154 militares do exército fascista salvadorenho foram mortos em combate com a guerrilha desde a última semana de março até o dia 19 de abril.

Faltando poucos dias para o novo turno da farsa eleitoral, essas ações mostram que nem a demagogia do regime antipopular, nem as intimidações dos EUA conseguem apagar as chamas da luta do povo de El Salvador.

"Ainda vamos ganhar essa guerra" afirma Ulisses Guimarães

"Nós ainda vamos ganhar essa guerra. A minoria pensa que venceu mas saiu moralmente derrotada. A nação não vai suportar outro biônico, nós ainda vamos ganhar". Dizendo essas palavras o presidente do PMDB, Ulisses Guimarães, deixou o plenário do Congresso no final da votação da emenda Dante de Oliveira, no dia 25 de abril.

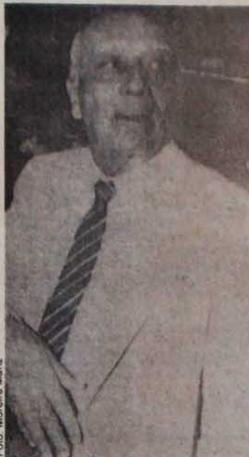


Foto: Moreira Maia

Ulisses: minoria foi moralmente derrotada ainda esse ano. Mas iremos ganhar com a alegria e as palmas de toda a nação. Não será como o PDS, que saiu daqui hoje vaiado, escorraçado, sem coragem mesmo para comemorar sua aparente vitória".

O vice-governador de São Paulo, Orestes Quércia, que teve um papel importante na luta pelas diretas à frente de prefeitos e vereadores de todo país também defendia a continuidade da luta popular. "O pacote de abril venceu a população brasileira. O Congresso Nacional não teve condições de estar à altura das necessidades e das aspirações da nação. O único caminho que nos resta é prosseguir o esforço de mobilização popular pelas diretas já. A nação não vai aceitar nenhum presidente biônico. Vamos prosseguir a luta até a vitória final", dizia Quércia.

SEM CONCILIAÇÃO

Para o ex-secretário-geral do PMDB, Francisco Pinto, o resultado só deixa uma alternativa para o povo brasileiro: "O Congresso Nacional teve a grande oportunidade para encontrar uma saída pacífica para a crise. Infelizmente não soube através

dos deputados do PDS contribuir para essa solução. Agora só resta ao povo buscar outros métodos de luta que possam por fim à ditadura militar".

Já o deputado Jorge Ueque (PMDB-RS), deixava o plenário defendendo o fim da tese da conciliação. "Precisamos cortar logo esse negócio de conciliação. Conciliação com essa quadrilha que aí está não dá". Na opinião do vice-líder do PMDB, Haroldo Lima, só a mobilização popular levará à conquista das eleições diretas. "Usando a violência, a corrupção, a chantagem e o arbítrio mais completo, como na época do fascismo, o governo conseguiu impedir uma grande vitória popular. Mas ao mesmo tempo sofreu grandes golpes. O PDS está esfacelado. O Colégio Eleitoral afundou de vez na lama da corrupção e do desreído. Maluf e Andrezza não podem nem mesmo aparecer em público, quanto mais governar este país. Só nos resta uma saída: prosseguir na mobilização popular, porque afinal a luta continua", argumentava Lima.

DIRETAS VIRÃO

Um dos personagens centrais dessa batalha, o deputado Dante de Oliveira, já fazia previsões. "A luta popular não vai ser abafada pela simples rejeição de uma emenda por uma bancada minoritária. O desdobramento social desse resultado é imprevisível. Uma coisa é certa: ninguém poderá vencer a crise econômica e social com o povo humilhado politicamente. Por isso mesmo acredito que as diretas são irreversíveis". (Cobertura de Brasília: Moacir Oliveira Filho e Fernando Tolentino)



Chico Pinto: o povo lutará de outra forma

VAMOS GANHAR

Com seu gabinete lotado, o presidente do PMDB exortava à continuidade da luta. "Esse resultado terá repulsa de toda a nação e isso nos fortalece para prosseguir lutando. Convido o povo que aqui esteve para retornar brevemente, quando então iremos comemorar a vitória definitiva", afirmou Ulisses Guimarães, acrescentando: "Iremos ganhar, tenho certeza. As eleições diretas virão



Haroldo Lima quer mobilização popular

Com o resultado, um sentimento de indignação, revolta e luta

A violência, o arbítrio, a corrupção e a traição passaram por cima do grito coletivo das praças. Depois de quase 18 horas de sessão, o Congresso Nacional não conseguiu aprovar a Dante de Oliveira. Apesar das manifestações populares que sacudiram o país pelas diretas, a maioria dos parlamentares do PDS preferiu ceder às pressões do Planalto.

Depois de 4 horas de votação, a nação recebia revoltada o resultado: 298 deputados foram a favor da emenda, sendo 55 deles do PDS; 65 do PDS foram contra; 3 também do PDS se abstiveram e 113 sequer tiveram coragem e dignidade para comparecer ao plenário. Entre estes estava o paulista Mendonça Falcão, do PTB, a única defeção dos partidos de oposição. Assim, faltaram apenas 22 votos para garantir a aprovação da emenda.

Apesar de todo o cerco montado para impedir o acesso do povo ao Congresso Nacional, a histórica sessão foi assistida por um grande número de pessoas. As galerias lotadas acompanharam toda a sessão, com comportamento responsável que chegou a ser elogiado pelo próprio presidente do Congresso, senador Moacir Dalla. Do lado de fora quase 6 mil pessoas aguardaram durante todo o dia o resultado da votação. Depois de proclamado o resultado, as galerias demonstraram toda a revolta do povo brasileiro. "O povo unido jamais será vencido"; "A luta continua"; "Traidores", foram as palavras de ordem gritadas em uníssono pelas galerias, que deixaram o Congresso cantando o Hino Nacional. A sessão transcorreu num clima de muita tranquilidade, não tendo sido



A galeria acompanhou a votação com calma e foi até elogiada pelo senador Dalla

registrado nenhum incidente, ao contrário do que ocorria nas ruas de Brasília. Apesar de se comportarem com cautela as galerias manifestaram com clareza o sentimento da nação. Quando o deputado Paulo Maluf foi chamado para votar foi impossível conter o grito popular. Uma sonora vaia sacudiu todo o Congresso Nacional, vindo das galerias, do plenário e até mesmo do comitê de imprensa. Já o voto do deputado Ulisses Guimarães, presidente do PMDB, foi dado sob entusiasmados aplausos.

A LUTA CONTINUA

À excessão de alguns deputados da extrema direita do PDS - Amaral Neto, Eduardo Galil, Siqueira Campos, entre outros - que tentaram tumultuar os trabalhos levantando questões de ordem impertinentes, a votação da Dante de Oliveira não foi a batalha regimental que se esperava. A única questão de ordem mais polêmica foi quando a mesa decidiu dar a palavra

a um representante do grupo pró-diretas do PDS para encaminhar a votação. Depois de muita discussão e protestos dos líderes pedestistas a mesa manteve a decisão. O deputado José Thomaz Nonó, de Alagoas, no entanto, preferiu criticar a postura adotada pelos líderes de seu partido e abdicou do direito de falar. "Em 1986 as multidões saberão julgar aqueles que se colocaram contra a vontade do povo", afirmou Nonó, deixando a tribuna debaixo de aplausos.

Do lado de fora do plenário durante todo o dia havia muita expectativa. Os líderes do pró-diretas faziam e refaziam suas contas. Os indecisos eram assediados por todos os lados. No final, quase às 3 hs. da madrugada, os parlamentares favoráveis às diretas já apesar de cansados não demonstravam abatimento. O sentimento geral era de revolta, indignação e luta. "A luta continua" - era a frase mais ouvida pelos corredores do Congresso Nacional. (sucessal de Brasília)



Vigília pró-diretas: pela primeira vez na história, uma manifestação do tamanho do Brasil

Votação do dia 25 detonou nova fase na crise do regime

O próprio Planalto não se ilude, e não há porque se iludir: o que aconteceu em Brasília na noite de 25 de abril não foi a derrota da campanha pelas diretas já; não foi o triunfo do continuismo governista. Foi, sim, um momento de pique da crise política brasileira, que entrou agora numa nova fase. Ficou mais perto o dia do enterro do regime.

A rigor, o governo saiu do 25 de abril politicamente derrotado, na Câmara dos Deputados e no país. Na totalidade do território nacional o povo pela primeira vez na história se manifestou ao mesmo tempo, com a mesma forma de luta e o mesmo objetivo, na memorável demonstração de rebeldia que foi a vigília cívica pelas diretas já.

Na Câmara a emenda Dante de Oliveira teve 298 votos a favor, contra 68 votos contra e 113 deputados ausentes. Apenas um deputado eleito pela oposição não votou pelas diretas já: o desertor Mendonça Falcão, do PTB paulista. Em contrapartida, 54 parlamentares do PDS apoiaram com seu voto a emenda Dante.

Apesar de tudo, faltaram 22 votos e a emenda não passou. Entretanto, houve um tempo em que era o governo no dos generais que tinha folgada maioria de mais de dois terços na Câmara. Quando o eleitorado tirou-lhe essa folga, o general Geisel fechou o Congresso, alegando não tolerar "uma ditadura da minoria" e baixou o Pacote de Abril de 1977, permitindo mudanças na Constituição com a metade mais um dos votos do Congresso. Mas em 1982 foram as oposições que elegeram a maioria dos deputados federais. E Figueiredo, pouco antes disso, mudou outra vez as regras do jogo e restaurou o quorum de dois terços para as emendas constitucionais. Agora, até para conseguir apoio de um terço dos deputados o governo teve que apelar para o rebenque do general Cruz.

Depois deste 25 de abril, os generais perderam condições práticas de governar. Não só foram repudiados pelo povo. Encontram-se também em flagrante e arrasadora minoria no Congresso. Sofrem o fogo cerrado das críticas da imprensa e até das emissoras de televisão. Ninguém os quer.

Foi a campanha de massas pelas diretas-já que produziu este significativo deslocamento na correlação entre as forças em luta no país. De um lado ela uniu as grandes massas do povo e a totalidade dos democratas sob uma só bandeira. De outro, dividiu irremediavelmente as



General Figueiredo

hostes do sistema, tanto na esfera social e política como dentro dos quartéis.

O governo jogou tudo, da chibata às chantagens

Diante da batalha do dia 25 o governo jogou tudo. Apelo para as medidas de emergência não só em Brasília e arredores mas em todo o país, através da mordaca imposta às telecomunicações e da apreensão de jornais. Soltou o general Cruz, com carta branca para chicotear em praça pública parlamentares e simples cidadãos vestidos de amarelo, sob a proteção das tropas da PM e da Guarnição Militar do Planalto.

Enquanto isso o próprio general Figueiredo empenhava-se na cabala de votos de parlamentares, um a um - fato inusitado na vida política brasileira - usando argumentos que cheiravam forte a chantagem, do tipo "se a emenda passar eu considero-me deposto".

Apesar desse esforço inaudito, a solução produzida dia 25 é extremamente precária. Não se sustenta. Minoritário no Parlamento, de noralizdo, execrado em praça pública, o governo vê-se obrigado a manobrar no sentido de um certo recuo. Acena para os opositores vacilantes de sempre, que antes mesmo da votação já se dispunham a ceder. Propõe-lhes negociações em torno de um governo de compromisso, com duração de quatro ou mesmo de dois anos, formado em torno de alguma figura menos queimada do sistema, de um elemento "neutro" ou ainda de um "oposicionista confiável". A base da negociação seria a emenda apresentada pelo próprio general Figueiredo, lida no

Congresso na terça-feira dia 24.

Ora, as grandes massas do povo brasileiro iniciaram a campanha pelas diretas-já precisamente para conseguir um governo de ruptura com o reinado dos militares. Não há portanto como engolirem a composição com os donos do poder, ou aceitarem um acerto em torno da emenda Figueiredo que deixe de lado a exigência unitária de eleições diretas já.

Há novas e ainda maiores jornadas de luta à vista

A emenda Figueiredo, a despeito de seus acessórios, é uma farsa, uma empulhagem de última hora para ser enterrada numa Constituição sabidamente ilegítima. Para o impasse constitucional, a única saída viável do ponto de vista da unanimidade dos setores democráticos é uma Assembleia Nacional Constituinte eleita em condições que permitam elaborar uma Carta Magna onde não haja lugar para o arbítrio e o autoritarismo.

No enfrentamento do 25 de abril, faltou ainda força política e poder de pressão para enfrentar o rebenque e as baionetas do general Cruz. Mas, no "dia seguinte" de que tanto se falou, o sentimento popular é de rebeldia e não de frustração. A vasta frente democrática forjada na campanha tem condições de manter sua unidade e até engrossar suas fileiras. As grandes massas que tomaram as ruas de assalto não vêem motivo para bater em retirada. Há novas jornadas de luta à vista, ainda maiores e mais avançadas que as dos últimos meses. Já se pode avistar a aurora do triunfo das diretas-já e da liberdade sobre o regime dos militares.

Dante dá entrevista à Tribuna

"De nada vai adiantar, aos setores fascistas, aos setores militares da extrema-direita, tentarem barrar esta avalanche popular que já está. Eu já disse, numa recente carta à nação, que não se corta a esperança de um povo impune". Essas declarações foram dadas por Dante de Oliveira, no dia 23, em entrevista para a Tribuna Operária.



O autor da emenda das diretas-já

'Esquina democrática' na capital gaúcha

Durante todo o dia 25, Porto Alegre esteve intensamente mobilizada, com comícios e passeatas. Desde as 11 da manhã, na esquina da Rua da Praia com a avenida Borges de Medeiros, o comitê Teotônio Vilela do PMDB realizou comício em que falaram autoridades políticas, sindicais e comunitárias, intercalando-se com apresentações de artistas e boletins com as últimas informações de Brasília.

O público se emocionava sempre que se anunciava alguma nova adesão às diretas-já. E vaiou diversas vezes os generais Newton Cruz e Figueiredo. A vibração aumentou após as 15 horas, quando começaram a ser irradiados discursos dos deputados, diretamente de Brasília.

Os secundaristas dos colégios Júlio de Castilhos e Parobé e os universitários da Universidade Federal chegaram em passeata, engrossando e mudando na "esquina democrática".

Desde a véspera Porto Alegre estava em clima de vigília, instaurada na Assembleia Legislativa. As 20 horas, um pênalti se espalhou pelos bairros da cidade. E uma "passeata das bandeiras", convocada pelo Comitê Unitário Pró-Diretas, percorreu a Rua da Praia. Já a Câmara dos Vereadores da capital gaúcha fez uma sessão especial simulando a votação e aprovação da emenda Dante de Oliveira. E no dia 25 fez uma sessão ao ar livre, em público. (da sucursal)

Ulysses: povo fez do meu discurso o discurso da nação

"Foi o aplauso de vocês, os gritos, o Hino Nacional, que fizeram do meu discurso o discurso do Brasil" — disse comovido o deputado Ulysses Guimarães, após seu vigoroso pronunciamento pela vitória das diretas-já, da Tribuna da Câmara Federal. O discurso encerrou-se sob um coro uníssono de palavras de ordem das galerias, repletas de manifestantes.

O Comitê Pró-Diretas de Brasília convocou a população para ouvir Ulysses Guimarães, e as galerias se encheram de populares, estudantes e personalidades oposicionistas. "Um, dois, três, quatro, cinco mil, quero mes eleger o presidente do Brasil!"; "Diretas com urgência, abaixo a emergência!"; "Diretas-já, Brasília que votar!" — foram as frases que ecoaram no Congresso. Finalmente, o Hino Nacional foi cantado por deputados, senadores e pelas galerias, a uma só voz.

Encerrada a sessão de terça-feira, Ulysses foi ao Salão Negro do Congresso, por onde desciam os manifestantes, agradecer sua presença. Cada palavra do deputado, que falou sem microfones, era repetida por um coro de centenas de vozes, para que todos ouvissem. Houve quem chorasse de emoção. Quem não gostou foram as hordas fardadas do general Newton Cruz: às primeiras horas da noite, forte contingente militar cercou a casa, para impedir a chegada de mais gente que queria se manifestar pelas diretas-já e contra as medidas de emergência.

O discurso de Ulysses Guimarães foi um líbello contra o regime militar estorotante. Foi também uma resposta aos que na hora da decisão vacilam e sucumbem à "negociação" capitaluladora frente à violência do Planalto. E propôs um programa mínimo de dez pontos para enfrentar a crise (veja o box).



Estudantes, rumo ao Congresso para ouvir o "discurso do Brasil"

"A história nas ruas"

Trechos do discurso de Ulysses Guimarães na Câmara dos Deputados: "Com os líderes e companheiros da oposição e da sociedade civil, participei da democracia direta, exercitada pelo povo em vinte mil comícios realizados em quatro mil municípios do país, mobilizando cinquenta milhões de brasileiros. Mais do que ouvir, a nação se fez ouvir."

"Pela décima sexta vez caminhei pelo Brasil entre multidões, vi a pavoresca geografia da fome, do medo e da revolta, das afrontosas desigualdades sociais. As praças e ruas do Brasil se encheram de colossais e sonoras assembleias, de protesto e repúdio ao governo."

"Vi o amarelo vestir de esperança o Brasil; vi a história brotar nas ruas e na garganta do povo; vi pela onipotência do voto direto a ressureição da participação política e das pressões legítimas pelos preteridos e injustiçados."

"Acautelem-se os donos do poder. As massas injustiçadas podem decidir — empurradas pelo desespero — ser mais consequente e glorioso, entre morrer de fome, doença, desassistida, as-

saltando ou assaltado, lutar e até morrer por governos que tenham o controle pela origem, pelos benefícios e pela temporalidade."

"Falo majoritariamente pela nação, autorizado pela quase unanimidade da população brasileira, tenho a serena convicção de que falo pelos partidos políticos, todos eles, inclusive a maioria da eleitorada, dos governadores, dos prefeitos, dos vereadores e de ponderável número de deputados e senadores do PDS."

"A nação me autoriza a anunciar que o diálogo, Diálogo público, perante a imprensa, o rádio e a televisão, testemunhado e fiscalizado pelo acesso livre às galerias e dependências do Congresso Nacional."

"Portanto o diálogo sem a mordacida da censura, sem o general Newton Cruz tirar abusivamente os interlocutores dos ônibus e automóveis das cercanias de Brasília, ameaçados por baionetas, metralhadoras, camburões, cães amestrados e pregos nas estradas. Afinal, Brasília é a capital política do país, não é as Malvinas para os arreganhos da força, que acabam em desastre e vergonha".

Dante, que na ocasião prestou solidariedade à Tribuna (veja pag. 7), está hoje no centro dos acontecimentos políticos do país. Sua emenda que restabelece as eleições diretas para presidente da República serviu como bandeira para as maiores concentrações de massa da história do Brasil.

TO: Como você vê que ficará o país após a votação da emenda das diretas?

Dante: Eu vejo que o Brasil de hoje é outro Brasil. A história do nosso país está dividida em antes e depois dessas mobilizações populares. Esta resposta forte que a sociedade deu, isto demarcou um novo campo de ação dos setores democráticos e populares. Portanto temo muito um impasse grande. Não sei o que pode acontecer num país onde o povo já perdeu as esperanças, do ponto de vista econômico e social. Um povo que não acredita, de maneira nenhuma, nesse governo que aí está, e que de um hora para outra se envolve numa grande luta política, renova as suas esperanças, libera uma energia cívica enorme; eu temo muito medo de que essa energia seja focada de forma arbitrária, prepotente, injusta. Tem o que pode vir depois se o povo não sair vitorioso no dia 25 de abril. Nós podemos ir para um verdadeiro salto no escuro no país e isto só iria servir aos amantes da escuridão, do obscurantismo, do fascismo no Brasil.

CABEÇA ERGUIDA

TO: Qual sua avaliação sobre o emendamento das indiretas?

Dante: Acho que o general Figueiredo e toda a sua equipe de desgoverno demoraram muito para mandar essa emenda. O movimento popular cresceu tornou-se de tal ordem, que tornou a nossa posição hoje praticamente irreversível. Nós não temos o que negociar fora as diretas-já. Se nós negociarmos a questão das diretas-já, seria uma desmoralização perante a opinião pública. O governo demorou muito para lançar sua emenda e isto não foi seu caráter autoritário e prepotente. Ele nunca acreditou na força popular. Menos prezou a capacidade de reação do povo. Nunca, jamais eles pensaram que nós poderíamos fazer grandes coisas, juntando milhões de brasileiros. O que ficou demonstrado é que o povo aí está, de cabeça erguida, com a espinha dorsal ereta, pronta para defender principalmente a sua soberania, pronto para conquistar um novo governo, que tenha a coragem cívica de romper com o FMI, de gerar empregos, de resolver nossos problemas de habitação, saúde e educação. E isto não se conquista com governos escolhidos por colégios eleitorais espúrios, marcados pela corrupção. Isto só com um governo que tenha força, que tenha raiz no seio do povo brasileiro. E é isto que está em jogo hoje.

Prefeitos e vereadores marcham sobre Brasília

A campanha pelas diretas-já vai desdobrando um novo Brasil, vai revelando a força popular. Um exemplo disso é a corajosa atuação dos prefeitos e vereadores de quase todo o território nacional. A Frente Municipalista e a União Brasileira dos Vereadores desencadearam um movimento que envolveu milhares de vereadores e prefeitos. O objetivo de chegar a Brasília, com chuva ou sol, foi atingido.

Com a liderança de Orestes Quéricia, vice-governador de São Paulo, os municipalistas viveram uma epopeia com as medidas de emergência. Foram caçados como bandidos pela insaniabilidade dos comandados do general Cruz. Mesmo assim mais de 500 conseguiram seu objetivo — pressionar os congressistas e demonstrar que o interior brasileiro já não é mais reino dos coronéis.

CAÇADA HUMANA

O movimento municipalista encontrou fortes obstáculos desde as lideranças do PDS até tropas da PM e da PF. No aeroporto, por exemplo, 30 vereadores foram barrados e confinados em hotéis (veja matéria nesta página sobre Brasília), mas desobedeceram as determinações e caminharam livremente. Os prefeitos e vereadores de Cajamar, Bauri,



Quéricia, líder dos municipalistas

Jundial foram presos pela PF e ficaram incomunicáveis por duas horas, sem permissão para usar sanitários ou beber água.

A repressão foi particularmente violenta sobre a Câmara de Goiânia, um dos centros mais atuantes dos municipalistas, que foi invadida por 60 policiais militares e lacrada.

A União dos Vereadores do Brasil lançou nota protestando contra as "medidas terroristas tomadas pelo desequilibrado general Newton Cruz contra os vereadores e prefeitos de todo o Brasil que se dirigem à capital federal". A perseguição à entidade causou a prisão do seu vice-presidente, Euler Ivo Vieira, por 24 horas. Mas toda a violência policial não conseguiu deter os municipalistas, que exerceram forte pressão sobre o Congresso.

Passeata como nunca se viu em Alagoas

Mais de 20 mil pessoas em passeata paralisaram o centro de Maceió, poucas horas antes de iniciar-se o dia 25, começando a vigília cívica pela aprovação da emenda das diretas-já. "Nunca se viu uma passeata destas em Alagoas" — dizia, entusiasmado, Messias de Souza, da Coordenação do Movimento Teotônio Vilela. O povo jogava papel picado do alto dos prédios, enquanto na rua a palavra de ordem mais gritada era "Diretas-já, fora Figueiredo e o regime militar!". Um grupo de atletas se revezou numa corrida de 13 km conduzindo a "Tocha das Diretas".

Mais de 20 oradores falaram à multidão — e os maiores aplausos eram pa-

ra os mais firmes no ataque ao regime. A Comissão pela Legalidade do PC do Brasil usou da palavra, e havia bandeiras, faixas e estandartes do partido por toda a passeata. "O regime está no fim. O povo decretou a morte do golpe nas ruas" — proclamou o deputado estadual Edurado Bonfim, entre fortes palmas. "A nação não perdou tanta otusidade!" — advertiu o presidente da OAB, Marcello Lavenero.

A única vaia ocorreu quando o presidente da Assembleia Legislativa, deputado Benedito Lira, do PDS, ordenou que fossem arriadas dos muros do Legislativo as bandeiras do Brasil e de Alagoas. (da sucursal)

Nas ruas de Teresina 20 mil pelas diretas

Uma impressionante manifestação de 20 mil populares percorreu as ruas centrais de Teresina na véspera da votação da emenda, quase ombreado com o grande comício pelas diretas-já realizado na mesma capital no dia 13 de fevereiro.

Convocada a princípio pelos setores oposicionistas mais vinculados ao movimento popular, a passeata-monstro terminou grandiosa com a participação do conjunto das oposições piauienses. Os mais diferentes setores se listaram para representar na fizar de orado-

res que concluíram a população, a acompanhar passo a passo a votação no Congresso Nacional, e a levar até a vitória a campanha para que o povo eleja o sucessor de Figueiredo.

A disposição combativa da multidão chegou a ser descrita como "chocante" por lideranças que se empenharam na convocação da passeata. Expressa nas palavras de ordem, nos aplausos e nas vaia, ela evidenciou que o Piauí está presente no novo Brasil rebelde que surgiu das mobilizações deste ano. (da sucursal)

Chuva não impede passeata em Belém

Cerca de 10 mil pessoas saíram pelas ruas de Belém do Pará na noite que antecedeu o 25 de abril, exigindo eleições diretas-já, para presidente da República. A manifestação, colorida das bandeiras, estandartes e faixas de diversas entidades e partidos políticos, inclusive o PC do B, foi considerada um sucesso apesar da chuva e da falta de um

apoio mais efetivo por parte do governo Jader Barbalho. Entre os oradores, falaram secretários do governo do Estado e diversos parlamentares, como o deputado estadual Paulo Fonteles, do PMDB, e representantes de diversas entidades, além de Newton Miranda, em nome dos comunistas que lutam pela legalidade do PC do Brasil. (da sucursal)

Giocondo Dias aceita um presidente-tampão

O PC Brasileiro de Giocondo Dias aderiu publicamente à tese do mandato-tampão em clara oposição ao clamor do povo por diretas-já. A revelação, que não causou propriamente surpresa, mas indignação e revolta, foi feita pelo próprio Giocondo em entrevista coletiva no Rio de Janeiro, na segunda-feira que antecedeu a votação da emenda Dante.

Aferido à tática de seu agrupamento, baseada num jogo de palavras cuja chave está em "negociação", o Cabo Dias mostrou-se favorável a um presidente-tampão, eleito pela via indireta por dois anos, se isso "significar o encaminhamento do impasse presente". Deu a público na ocasião uma nota na qual, a despeito dos erros gramaticais, admite o "total diálogo" entre estado e nação. Porém, na

hora de tirar consequências políticas, Giocondo dispôs-se a ficar do lado do grupo do Planalto, negociando com ele, contra a vontade expressa do povo e a decisão explícita das oposições, que consideram negociável a exigência de diretas-já.

Giocondo Dias propôs que a negociação se dê em torno do emendamento de Figueiredo. Sua única condição é que "seja realmente para mudar, não para conservar o que aí está, onde as elites confabulam à custa das massas". Seria o caso do projecto sr. Dias, limpar a cera dos ouvidos, pôs a voz das massas ressoar aos milhões pelo país e fechou questão pelas diretas-já e contra qualquer negociação em torno delas. Se o PCB não se desvia, ele que quiser levantar sua tese em algum comício! (B. Jeffly)

Brasília pisada pela bota da emergência

Desde a decretação das medidas de emergência até o dia da votação da emenda Dante de Oliveira, Brasília virou uma cidade sitiada. Todas as entradas da capital da República foram bloqueadas por policiais fortemente armados.

A fúria policial incluiu o aeroporto. Lá a imundície dos parlamentares não valeu nada. O próprio Ulysses Guimarães, presidente do PMDB e deputado federal, foi revistado. Ulysses, revoltado, fez um vigoroso discurso na fila de identificação, denunciando que tudo aquilo estava sendo feito para isolar o Congresso Nacional e Brasília.

BARREIRAS CONTRA A LIBERDADE

Nas barreiras ninguém passou sem ser revistado, ameaçado e interrogado, além de ser obrigado a de-

xar o endereço anotado. O correspondente da *France-Press*, François Carpejan, foi barrado quando voltava dos feriados da Semana Santa, e os policiais obrigaram-no até a retirar do seu braço, um adesivo das diretas-já. "Nunca tinha visto coisa igual na minha vida", comentou ele.

No aeroporto, os incidentes foram muitos, envolvendo principalmente deputados. O paulista Darci Passos foi obrigado a se identificar e entrar numa fila para ser revistado. "Sou deputado federal e vou passar", gritou Darci, lembrando: "Caso contrário, me considerarei preso". Depois de muita confusão, acabou liberado.

Vinte e dois prefeitos e vereadores da Frente Municipalista chegaram a ser

detidos no aeroporto. Al um delegado da PF lhes colocou duas opções: voltar imediatamente para suas cidades, ou ficar confinados em hotéis. Os municipalistas preferiram o hotel, para onde foram em microônibus da PM. Depois conseguiram romper o confinamento.

O deputado Del Bosco Amaral, PMDB-SP, também foi revistado e afirmou: "É causticante para a alma dos democratas assistir ao que acontece no aeroporto de Brasília: ser tratado como gado, separado como reses ao caminho do abatedouro. Nas superquadras de Brasília jovens e mulheres estão sendo encurralados pela polícia. Esse general Cruz está desprezando para cumprir medidas que não deveriam existir". (da sucursal)

Terror de Newton Cruz à solta em Brasília



Soldados cercam o Congresso Nacional, sob o comando do truculento general Newton Cruz

Barreiras nas estradas e no aeroporto; soldados nas ruas com metralhadoras; espantamento de populares e parlamentares; e, inclusive, o boato do assassinato de um jovem. Neste clima de guerra a população de Brasília passou a semana. O truculento general Newton Cruz, executor das medidas de emergência, participou pessoalmente destas ações violentas.

Responsável pela aplicação das arbitrárias medidas de emergência em Brasília e mais dez municípios, Newton Cruz fez jus ao comentário do general Figueiredo, seu amigo, que já o comparou a Mussolini. O mesmo que "quebrou a cara" ao invadir a sede da OAB, voltou a cometer suas travessuras, demonstrando sua arrogância e simpatia pelo fascismo.

Rebenque em punho, o general Cruz dirigiu pessoalmente todas as ações dos milhares de soldados armados, que espalharam terror pelo Distrito Federal e cidades satélites. Ele agrediu vários motoristas que tocavam buzinas de seus carros pelas diretas, determinou a prisão de dezenas de manifestantes que saíram às ruas desafiando as medidas de emergência, como em Taguatinga. Estas ações violentas, onde não faltaram os tiros disparados pelos policiais do general, resultaram em vários feridos, inclusive um jovem ferido a bala no pé. No dia da votação da emenda circularam insistentes rumores, não confirmados, da morte clínica de um jovem manifestante pró-diretas (por coincidência, comenta-se que a vítima é filho de um policial).

PRISÃO DE DEPUTADOS

Um dos incidentes mais graves envolveu dois deputados federais, estupidamente agredidos e presos pelo próprio Newton Cruz, que fez pouco caso das imunidades parlamentares. Na véspera da votação o Congresso foi cercado e milhares de estudantes ficaram encurralados no descampado em frente à Casa. Para que os manifestantes pudessem se dispersar o presidente do Congresso, senador Moacir Dalla, negociou com o general Cruz a suspensão do cerco. Também designou para acompanhar os estudantes até a estação rodoviária três deputados: Aldo Arantes (PMDB-GO), Jacques Dornellas (PDT-RJ) e Eduardo Suplicy (PT-SP).

Só quando o grupo passou em frente ao Ministério do Exército foi surpreendido pelos militares, que não resistiram à tentativa de romper o acor-

do com o senador do PDS. Comandados por Newton Cruz, os soldados investiram com violência, principalmente contra Aldo Arantes e Jacques Dornellas (ex-sargento, cassado em 1964) e os prenderam no interior do ministério. Afirmando que os deputados tratavam-se de "comunistas conhecidos", Cruz deu um murro em Dornellas, que revidou à altura. E quando o general tentou revidar foi contido por Aldo Arantes. Só depois de algumas horas de violência, os parlamentares e os estudantes foram liberados, sendo que o vice-presidente da UNE, José Eduardo Utzig, permaneceu retido.

O episódio foi um despropósito tão grande que o próprio presidente da Câmara, deputado Flávio Marçílio, foi forçado a protestar junto ao ministro da Justiça. Na manhã seguinte praticamente toda sessão parlamentar foi dedicada à solidariedade aos deputados. Em nota oficial a UNE também protestou: "Todas estas atitudes antidemocráticas e autoritárias colocam a nu, mais uma vez, a verdadeira face deste governo. E demonstram a necessidade, cada vez mais premente, de aumentar as mobilizações em prol das eleições diretas e pelo fim deste regime".

GÁS LACRIMOGÊNICO

Outras violências cometidas pelo general Cruz: invasão da sede da Fenaj (Federação Nacional dos Jornalistas), que havia entrado com um mandado de segurança contra a censura à imprensa; censura aos telefonemas de deputados e senadores; invasão da sede do jornal Hora do Povo. Na noite da votação da emenda, enquanto o ridículo porta-voz do Planalto e o líder do PDS na Câmara falavam à TV do relaxamento das medidas de emergência, o general voltou a cercar o Congresso, com cerca de 3 mil soldados, acompanhado de cachorros e fortemente armados. Mesmo após entendimentos com o senador Dalla, quando os manifestantes saíram do local provocadores tentaram criar pânico, lançando bombas de gás lacrimogêneo.

Um dia de suspense para o Brasil



Milhares diante do Placar das Diretas, na Praça da Sé em S. Paulo

Nunca o Brasil viveu momentos como a véspera e o dia da votação da emenda Dante de Oliveira. Nas capitais e nos mais distantes rincões do país ocorreram manifestações e vigílias pelas diretas. Professores e estudantes das universidades federais paralisaram as aulas. Através de serviços de som improvisados, a população burlou a censura ao Congresso.

Foram dezenas de milhares de brasileiros com a atenção voltada para Brasília dia 25. Já na véspera foram realizadas barulhentas manifestações pelas diretas: rojões, buzinas, passeatas, batucadas em panelas. Logo ao amanhecer do dia 25 as manifestações recommearam, e assumiram as mais diferentes e criativas formas.

INTERIOR QUER VOTAR

Em Ribeirão Preto, interior paulista, por exemplo, houve uma alvorada com 5 mil rojões pelas diretas. A estátua do pai do senador malufista Amaral Furlan foi adornada com uma faixa: "Filhos, diretas já", em Sertãozinho. Bonecos dos indiretistas Alcides Franciscato e Diogo Nomura foram malhados em Marília. Tribunas livres, concentrações e passeatas ocorreram em Taubaté, Campos de Jordão, São José dos Campos e inúmeras outras cidades paulistas. Em Jacareí serão instaladas no cemitério da cidade placas negras com os nomes dos que não votaram nas diretas.

Na capital de São Paulo, após a ensurdecedora "noite do barulho" de 24, a preocupação do povo era, além de reafirmar a exigência das diretas, burlar a censura e informar-se sobre o que acontecia no Congresso. Em passeatas ou isoladamente, os populares dirigiram-se para os locais onde havia painéis e serviços de som. Uma passeata que saiu da PUC chegou a somar 10 mil pessoas ao chegar na Praça da Sé. Diante do Placar da Sé, milhares de pessoas se aglomeraram até alta madrugada, vaiando ou aplaudindo parlamentares que votavam contra ou pró-diretas. Ali funcionou a "Rádio Diretas, a que derruba a censura". Nas escadarias da catedral 13 manifestantes jejuaram pelas diretas.

Em Curitiba, onde 10 mil paranaenses realizaram passeata dia 24, a população acompanhou os trabalhos do Congresso na "boca malhada". Em Florianópolis o "Diretuna" - um boneco em forma de centópéia conduzido por várias pessoas que "comia" o Colégio Eleitoral - percorreu as ruas centrais da cidade. Em Porto Alegre, Salvador, Belém, Natal, Manaus, Recife e várias capitais foram instalados serviços de altofalantes e palanques. Em Macaé 20 mil pessoas percorreram durante 4 horas as ruas centrais, com faixas e cartazes. Em Cuiabá foi enterrado o Colégio Eleitoral. Em Porto Velho foi hasteada uma bandeira amarela. No Rio de Janeiro formou-se uma gigantesca concentração na Câmara dos Vereadores.

Já em Belo Horizonte a violenta repressão comandada pelo coronel Klinger impediu que as manifestações ocorressem livremente. Bombas de gás e prisões - inclusive a prisão do vice-presidente do PMDB mineiro, Roberto Martins - não conseguiram, contudo, evitar as manifestações pelas diretas.

BOMBAS E PRISÕES

Em São Luís do Maranhão a polícia também investiu contra o povo sedento de democracia. O carro de som do Comitê Pró-Diretas foi apreendido quando convocava a população para a vigília. Os deputados oposicionistas Luis Pedro e Gervásio dos Santos foram detidos quando tentavam liberar o veículo. Apesar da proibição, foram instalados altofalantes no Comitê Pró-Diretas e no Diretório do PDT. A sede do Comitê foi cercada pelos policiais, que atiraram bombas de gás e espantaram diversos populares. Mesmo assim não conseguiram impedir a vigília pelas diretas.

Metalúrgico faz comício

"O clima dentro da fábrica é de grande torcida, muito maior do que nos jogos da 'Copa do Mundo'", comenta um operário da Lorenzetti, na Zona Leste da capital paulista, que participou do comício pró-diretas promovido pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, às 12 horas do dia 25. A entidade realizou manifestações em cerca de 30 grandes fábricas do município, todas na hora do almoço, que evidenciaram o estado de alerta da categoria e do Sindicato, que acompanharam atentamente a votação da emenda Dante de Oliveira. Utilizando faixas, rojões e aparelhos de som, a classe operária demonstrou seu anseio, organizadamente, exigindo: eleições diretas, já; chega de militares no governo.

GREVE GENERAL

"Se não passar a emenda, o país vai afundar. Os militares vão arrasar de vez com a nossa pátria. E o pior: nós, os operários, é que vamos nos lascar mais!", afirma, convicto, um trabalhador do torno automático da Pado, na mesma região. Mais de 200 operários da firma saíram da fábrica para acompanhar o comício e dezenas deles soltaram rojões, ao mesmo tempo, para exigir as eleições diretas. Albino, um cipeiro da empresa, pegou no microfone e desanunciou: "O Figueiredo, o Delfim, todos os sacanetas do governo, são os culpados pela nossa situação de salários baixos, de carestia. Eles não querem sair do governo e se a emenda não for aprovada, nós temos que partir para greve geral."

Na Lorenzetti o clima também era de grande revolta. Um dos participantes da manifestação afirmava: "A voz alta: 'Dizem que o povo brasileiro é pacífico, é cordeiro. Mas já mostramos que isto é mentira. Se eles brincarem muito, não aprovarem a emenda, que tomem cuidado: ninguém aguenta mais e pode até acontecer uma guerra civil, uma revolução'".

Na Villares, em Interlagos, mais de 2 mil operários participaram do comício, inclusive trabalhadores das cercearias. Na avenida Mofarrej, importante centro industrial na Zona Oeste, mil operários se concentraram para manifestar seu repúdio ao regime militar falido.



Operários soltam rojões pelas diretas já

Capangas da Freguesia do Ó infiltrados nas galerias

Durante as três sessões necessárias para votação da emenda Dante de Oliveira, as 1.200 pessoas que lotaram as galerias do Congresso Nacional não puderam demonstrar seu entusiasmo e apreensão. Vestidos de amarelo, a cor das diretas, os presentes fizeram sinal de negativo para os indiretistas, aplaudiram e vaiaram um ou outro discurso, mas sempre dentro dos limites rígidos do regimento da Casa. Já do lado de fora do Congresso, cerca de 6 mil pessoas demonstravam seu entusiasmo, com grande criatividade. Vez por outra foguetes, palavrões-de-ordem e músicas eram as formas encontradas para manifestar o desejo pelas diretas já. Um grupo de estudantes da UnB formou, ao anoitecer, um "diretas, já" à base de tochas acesas nas laterais da rampa do Congresso. Também foram improvisados vários comícios.

CAPANGAS DO MALUF

Mas o clima também era de grande tensão, com constantes boatos de intervenção de tropas do Exército e provocações nas galerias. Os oposicio-

nistas tomaram todos os cuidados para que as galerias não fossem esvaziadas. Cada parlamentar recebeu duas senhas para seus convidados, o que impediu o acesso do povo à Casa. Inclusive os 113 covardes, que se ausentaram na votação, receberam os crachás. O resultado foi que um grande número de senhas foi desviado para infiltração de provocadores. Já na abertura da sessão matutina os deputados Ailton Soares (PT-SP) e Luis Guedes (PMDB-MG) denunciaram a presença de capangas facilmente identificáveis, todos com camisetas brancas. Entre eles, Ailton Soares identificou jaguões de Maluf, os mesmos que participaram do massacre na Freguesia do Ó.

Para evitar provocações os presentes se contiveram a máximo possível. Só se manifestaram na hora decisiva: na votação da emenda. Todos que votaram contra ou se ausentaram receberam sonoras vaias e ficaram "marcados". Os que votaram a favor da Dante de Oliveira, principalmente os membros do Pró-Diretas do PDS, foram aplaudidos.

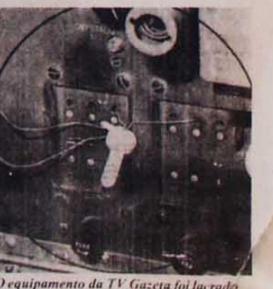
Investida contra a imprensa

O clima de terror imposto pelos militares ao país na semana passada atingiu também os meios de comunicação e os profissionais de imprensa. A censura à rádio e televisão fez com que os noticiários das emissoras, na terça e quarta-feira, não trouxessem informações substanciais de Brasília e do Congresso.

Mesmo assim os profissionais de comunicação buscaram meios e formas de driblar a ofensiva obscurantista dos donos do poder. Em algumas emissoras de televisão, jornalistas e apresentadoras trajaram roupas amarelas durante a emissão dos noticiários. Em São Paulo, um jornalista ousou entrevistar o vice-governador Orestes Quercia em Brasília, por telefone. O vice-governador falou do congestionamento de trânsito, "muita buzina" e do fato de, apesar do clima bom, "o tempo não estar muito bom" para circular na Capital Federal. Foi o que bastou para, no dia seguinte, o governo militar lacrar os transmissores e tirar do ar a TV Gazeta. Em Minas a Rádio Guarani também foi tirada do ar pelo governo.

Além de tentar incendiar a Tribuna Operária, em S. Paulo, invadir a sucursal do "Hora do Povo" e a sede da Federação Nacional dos Jornalistas em Brasília, os fascistas atacaram também

profissionais de imprensa. Policiais comandados pelo general Newton Cruz prenderam jornalistas que entrevistaram um grupo de pessoas que faziam jejum pelas diretas no Distrito Federal e ainda investigaram contra jornalistas que usavam camisetas amarelas, detendo vários profissionais e apreendendo ilegalmente seus equipamentos fotográficos. No dia 26 a censura foi suspensa em Brasília, mas continuou o veto aos noticiários produzidos na capital do país durante a votação da emenda Dante de Oliveira.



O equipamento da TV Gazeta foi lacrado

1.ºs de Maio que marcaram

Durante o Congresso da 2ª Internacional Socialista, realizado em Paris, em julho de 1889, foi adotado o 1º de Maio como a data internacional de luta e solidariedade dos trabalhadores. Era também uma homenagem aos operários presos em Chicago, em maio de 1886, quando quatro deles foram executados. A partir de 1890, os operários saem às ruas para comemorar este dia. Citamos quatro exemplos que mostram o vigor destas manifestações.

Em 1890, foi comemorado pela primeira vez o 1º de Maio em vários países. Na França e na Áustria, os trabalhadores decidiram celebrar a data com uma greve geral, acompanhada por marchas e comícios. Mas na cidade francesa de Fourmies — um centro mineiro — estas manifestações terminaram em um massacre. A polícia investiu furiosamente contra os operários desarmados, causando a morte de dez pessoas.

Na Inglaterra — o maior centro industrial do mundo na época —, as manifestações foram apoteóticas e concentraram-se no tradicional Hyde Park, em Londres. Os sindicatos organizaram a demonstração de massa no domingo seguinte, que empolgou o líder do movimento operário, Friedrich Engels. Mais tarde, ele afirmaria que viu "massas numerosas, incalculáveis se aproximarem com música e bandeiras, mais de 100 mil numa coluna". Engels frisava que "no dia 4 de maio de 1890 a classe operária inglesa havia aderido ao grande exército internacional de operários".

TUDO PODER AOS SOVIETS

Em fevereiro de 1917, o povo nas ruas derrubou o regime reacionário do czar, na Rússia, e o 1º de Maio foi finalmente comemorado abertamente e em clima de liberdade. Os comitês do Partido Bolchevique das maiores organizações de fábrica lançavam milhares de panfletos conclamando os trabalhadores a fortalecerem a solidariedade internacional, a amizade entre os povos e a continuarem a luta revolucionária contra a guerra imperialista e pela passagem de todo o poder aos soviets.

No Dia Internacional dos Tra-

balhadores, realizaram-se concorridos comícios e manifestações em diversos pontos da Rússia. Em Petrogrado (hoje Leningrado), o 1º de Maio — 78 de abril pelo calendário antigo — apresentava um aspecto único do comunismo. Pela manhã as colunas de manifestantes começaram a se dirigir dos bairros operários rumo aos pontos de reunião. Caminhavam ao som da Marcha e cantavam a Internacional. As companhias de soldados marchavam ao lado das colunas operárias. Nas ruas, praças e fábricas realizavam-se comícios de massas. Ao falar num concorrido comício no Campo de Marte, Lênin — que alguns meses depois dirigiria a Revolução de Outubro — terminou seu discurso com um ardoroso apelo: "Abaixo a guerra Viva a paz e a luta pela república socialista proletária".

1 MILHÃO EM LISBOA

Portugal, 1974. Uma semana após a derrubada da ditadura salazarista, realizou-se uma manifestação de 1º de Maio em Lisboa com cerca de 1 milhão de pessoas. O sucesso foi total, apesar das tentativas da Junta Militar, chefiada pelo general Spínola, de conter a mobilização. Os trabalhadores fizeram uma marcha pelas ruas ao som da Internacional e todos saudaram a queda do fascismo e exigiam o direito de greve e um aumento geral dos salários.

Os operários confraternizavam-se com soldados e marinheiros. Bandeiras vermelhas se espalhavam sobre as milhares de cabeças erguidas, enquanto os tanques e fuzis eram enfeitados por cravos vermelhos, símbolo do movimento militar que pôs fim a 45 anos de ditadura. A comemoração do 1º de Maio de 1974 foi o ponto de partida das grandes jornadas do proletariado português nos dias revolucionários de 74 e 75.

O ABC EM LUTA

O 1º de Maio de 1980 foi realizado unitariamente em São Bernardo do Campo e transformou-se num ato de solidariedade à greve dos metalúrgicos do ABC, que durou 40 dias. A manifestação foi realizada num clima tenso. O exército estava de prontidão e a polícia cercava uma multidão de mais de 150 mil pessoas em frente à

Sob o signo das diretas já

O 1º de Maio, Dia Internacional da Solidariedade dos Trabalhadores, transcorre este ano no Brasil sob o signo da campanha por eleições presidenciais diretas-já para a Presidência da República.

Será a ocasião dos trabalhadores passarem em revista a primeira fase desta magnífica campanha de massas e exprimir sua posição, firme, madura e corajosa, sobre a continuidade da luta pelas diretas-já. Val ser igualmente um teste, para a mobilização popular, atentamente acompanhado pelos partidários e pelos inimigos das eleições di-

retas. Todos estarão interessados em avaliar como evoluiu a capacidade de combate da classe operária e dos trabalhadores em geral, nas memoráveis jornadas deste ano.

De qualquer maneira, deverá ser um 1º de Maio importante, como os mais importantes que o Brasil já viveu. Aqui, recapitulamos experiências de outros Primeiros de Maio, em épocas e países distintos, em momentos de dificuldades, de combates e de vitórias do movimento operário. Seu traço comum e sempre o espírito combativo e a coragem de classe.



O massacre dos operários na cidade de Fourmies, no 1º de Maio de 1890

igreja matriz de S. Bernardo.

A pressão da massa rompeu o cerco e colocou a PM para correr. Daí, a passeata saiu em direção ao estádio da Vila Esmeralda. Neste dia, houve cenas surpreendentes, como a conversa de um metalúrgico

com um PM: "Não vê que estamos lutando pelo que é de direito?" — dizia o operário. Você está sendo tapado. Devia dar pancada no governo que te mandam". O policial não reagiu, baniu a cabeça e começou a chorar.



O Dr. Luis Eduardo Grenhalgh, autor da representação

Advogado exige que a polícia preste contas pela rapinagem

Diante do duplo atentado terrorista do domingo de Páscoa, a Editora Anita Garibaldi, que edita a **Tribuna Operária**, decidiu instaurar um processo de responsabilidade administrativa penal contra as autoridades envolvidas na ocorrência policial.

O Dr. Luis Eduardo Grenhalgh, advogado da Editora, apresentou uma representação ao Procurador Geral do Estado e ao Secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo.

A Ordem dos Advogados do Brasil, seção São Paulo, comprometeu-se a assessorar o Dr. Luis Eduardo na representação. O documento afirma, entre outras coisas:

A linha do jornal, de defesa incansável dos trabalhadores e do povo oprimido, de luta pelo socialismo, de combate ao regime político instaurado em nosso país a partir de 1964, desgosta, por certo, aos setores mais radicalizados e reacionários da nossa sociedade, que se atam aos privilégios da opressão e da repressão.

"Mais de uma vez já lhe tem surgido em derrador a centelha dos avisos ameaçadores:

"Dessas ameaças, os integrantes do jornal **Tribuna Operária** cobram forças, porque se sentem mais encorajados no cumprimento de seus deveres jornalísticos e pela nossa liberdade:

"A liberdade de expressão, de opinião e de difusão das idéias sofreu, no prédio danificado, inúmeros ataques:

"Anteriormente, lá foram apreendidos, pela Polícia Federal, exemplares proibidos pelo ministro da Justiça administrativamente:

"O poder oficial tentou por várias vezes indiciar os responsáveis na malquistada Lei de Segurança Nacional:

"Tudo isso compõe o mosaico de perseguições políticas que se abate ao longo do tempo contra a Editora Anita Garibaldi Ltda e o jornal **Tribuna Operária**:

"Pois bem. Dessa situação à notícia crime de agora, toda a diferença está nas circunstâncias que se vê, a seguir, descrever:

"Consumando-se o sinistro, pelos vizinhos foram chamados o Corpo de Bombeiros e a Polícia Civil, já que o fato ocorreu no domingo de Páscoa, ausentes os integrantes do jornal:

"Debetado o incêndio, a autoridade investigante — Sr. Delegado de Plantão do 5º Distrito Policial, Dr. Benedito Wilson Carriço — chamou Delegado e agentes da Poli-

Chapa das diretas nos Metalúrgicos

Na manhã do dia 25, a **Tribuna Operária** entrevistou Luis Antônio Medeiros, secretário-geral do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e candidato à reeleição pela Chapa 1, Unidade na Luta, no pleito de julho. Ele fez um balanço da ação sindical da entidade e falou sobre as propostas da sua chapa. Em seguida, rumou para a fábrica Metal Leve, na Zona Sul, onde se realizou um comício pelas diretas. Joaquim Andrade, presidente do Sindicato, encontrava-se em Brasília, junto com outros sindicalistas, pressionando os parlamentares a aprovarem a emenda Dante de Oliveira.

TO: Qual a avaliação que você faz da ação do Sindicato nos últimos dois anos?

Luis Antônio: O balanço é posi-

tivo, se você lembrar que nos anos de arbítrio a entidade desenvolvia muito a questão sindicalista. E quais foram os resultados? Foi levar

o Sindicato para dentro das fábricas, fazer com que ganhasse respeito, credibilidade, aumentando sua força e atemorizando os patrões... no disto, hoje fazemos um sindicalismo não-econômico, preocupado apenas com salários e condições de trabalho. Vamos além. Brigamos contra o modelo econômico, pelas diretas. Acharmos que a luta por melhores salários passa pela democratização do país. A greve geral do dia 21 de julho, onde 90% da categoria parou, serviu como teste e mostrou que o Sindicato realmente ganhou credibilidade.

TO: E você não vê debilidades na gestão?

Luis Antônio: Claro que há debilidades, inclusive porque a estrutura sindical e a falta de liberdades políticas dificultam a ação sindical. E temos as dificuldades da nossa categoria, grande, dispersa, com fábricas há 40 quilômetros de distância do Sindicato. Agora há debilidades. Temos que ser mais aguerridos, mobilizar o pessoal da fábrica, organizá-lo, para então negociar com a empresa, com poder de fogo. Isto aumenta nossa organização e a credibilidade de entidade. Falta também aumentar nossa ligação com o movimento popular, apesar de hoje já termos um grande vínculo com as Sociedades Amigos de Bairros e outras entidades.

TO: A chapa "Unidade na Luta" expressa o avanço?

Luis Antônio: Todo esforço foi no sentido de ter uma chapa ampla, com representatividade, correspondendo aos avanços na categoria. Ela não foi feita nos gabinetes. Nas várias reuniões de grandes empresas, de setores, foram indicados os companheiros mais representativos. É, de fato, houve uma renovação. Não é uma chapa partidária. Ninguém entrou nela porque pertence a esta ou aquela corrente política, mas porque tem representatividade. Nela, temos o companheiro da Pastoral Operária, o Jaruna, que foi sem dúvida nenhuma a principal liderança das greves na Villares. Tem o companheiro Vital, indicado pela comissão da Metal Leve, onde há um trabalho de organização interna muito bom.

TO: E quais são as propostas básicas da chapa?

Luis Antônio: Nossa proposta principal, no momento, é a luta pelas eleições diretas-já. Temos que fazer desta luta a nossa principal bandeira. Eleição direta como primeiro passo da grande virada que queremos dar no país, no modelo econômico, na situação política destes 20 anos. Temos que jogar peso nesta palavra de ordem que é o motor e sintetiza todas as nossas outras palavras de ordem.

Também lutaremos contra o desemprego, pela estabilidade, pelo reconhecimento das comissões de fábrica. Neste terreno já houve um avanço. Em algumas empresas há comissões legalizadas e na grande maioria há organização interna, semilegal ou totalmente clandestina, devido à forte opressão patronal que se enfrenta. Acharmos que a maior debilidade do sindicalismo no Brasil é a falta de presença dos Sindicatos dentro das fábricas. É este desafio nos temos que vencer. Temos que trabalhar com os ativistas das fábricas, dar cursos, realizar congressos com delegados sindicais e com as comissões de fábrica. A organização de fábrica tem que ter voz ativa no Sindicato, tem que dar o rumo dentro das subseções. Todo poder deve ser dado aos companheiros que estão nas empresas.

TO: E como a Chapa se posiciona quanto à divisão do movimento sindical?

Luis Antônio: Nossa luta é pela reunificação do movimento sindical, que não vai pra frente se o trabalhador estiver dividido. No momento há uma cisão. A CUT tem sua força, é verdade. Nela está o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, mas há também gente radical e combativa só no discurso, que na prática não tem base representatividade. Do lado da Conclat também há força, com o nosso Sindicato, a Contag. Mas ao mesmo tempo há uma porção de gente que fica vendo o trem passar, é imobilista. Então, as duas têm força, mas têm debilidade. Precisamos da unificação de quem quer trabalhar. As duas partes têm que se respeitar e dar passos concretos para a reunificação, inclusive orgânica.



Na Villares da Zona Sul, centenas de operários participam do comício pelas diretas, promovido pelo Sindicato dos Metalúrgicos na tarde do dia 25. Luis Antônio — ao microfone — na Metal Leve, afirma que a chapa Unidade na Luta tem como sua principal bandeira as Diretas-Já.



Maciça solidariedade à TO

Tribuna Operária
 O novo governo, não pode ser
 Emenda rejeitada e golpe de chibata

Tão logo foi divulgado o odioso atentado fascista contra a sede da Tribuna Operária, notas, telegramas e moções de apoio ao jornal e de repúdio aos autores do

atentado começaram a chegar. Também chegaram doações financeiras e materiais. É a resposta concreta aos inimigos da liberdade e aos terroristas

que querem calar a imprensa operária. Sabemos de iniciativas que estão sendo tomadas por trabalhadores para garantir o reerguimento do nosso jornal.



Rogério Lustosa, diretor do jornal, denuncia o atentado na plenária

Firme apoio do Pró-Diretas

Durante a reunião do Comitê Pró-Diretas de São Paulo na segunda-feira, 23, foi aberto um espaço especial para que o diretor da Tribuna Operária, Rogério Lustosa, denunciase o atentado sofrido pelo jornal no domingo de Páscoa. Rogério declarou que o atentado foi, na realidade, "contra todos que estão aqui, contra todos que lutam pelas diretas-já. Além do crime — continuou ele —, é preciso denunciar a violação da autonomia do Estado

Câmara aprova moção

Na terça-feira, dia 24, a vereadora Ida Maria, apresentou em nome da bancada do PMDB uma moção de apoio à Tribuna Operária em repúdio ao criminoso atentado de que foi vítima o jornal, aprovada por toda a Câmara Municipal. O diretor da TO, Rogério Lustosa, foi chamado à mesa. O manifesto, que também se solidariza com o jornal "Hora do Povo", afirma, entre outras coisas: "Considerando ser imperiosa a apuração de tais atitudes, nós, vereadores da Câmara Municipal de São Paulo, manifestamos nosso inteiro apoio e solidariedade aos Conselhos Diretivos desses jornais".

Deputados denunciam no Congresso

Vários deputados federais discursaram no Congresso denunciando o atentado fascista contra a Tribuna Operária e outros atos de violência ocorridos nos últimos dias. Eis alguns trechos desses pronunciamentos: **Aurelio Peres (PMDB-SP):** "O atentado terrorista contra a TO demonstra o desespero e a truculência do regime militar. Isolado e repudiado pelo conjunto do povo brasileiro, o regime parte para a violência numa atitude desesperada de se manter no poder. O objetivo desses atos terroristas é intimidar o povo e o Congresso Nacional para impedir a aprovação das diretas-já". **Rosa Flores (PMDB-RS):** "Os mesmos que no Distrito Federal agrediam e assaltavam deputados anos atrás, agora assaltam jornais como a Tribuna Operária. Enquanto esses sicários a serviço de interesses bem identificados operam livremente, o governo insiste em falar em entendimento. Isso é um absurdo". **Eduardo Suplicy (PT-SP):** "Manifesto minha solidariedade aos jornalistas da 'Última Hora', 'Hora do Povo' e da Tribuna Operária. É muito provável que estes atos se estejam dando sob proteção de um regime que não encontra mais nenhum respaldo na opinião pública". **Aldo Arantes (PMDB-GO):** "A sede do jornal 'Hora do Povo' foi invadida em Brasília e em São Paulo a sede da Tribuna Operária foi incendiada por grupos terroristas

de extrema-direita. Querem implantar um clima de barbúria, querem criar condições para justificar um golpe militar. O povo foi às ruas exigindo eleições diretas-já e estes atos servem para desmascarar as declarações do general Figueiredo, que diz desejar o entendimento, mas decreta medidas de emergência. As oposições não negociam com o facho no peito". **Irma Passoni (PT-SP):** "É ridículo o ataque aos jornais 'Hora do Povo' e Tribuna Operária. São atos de desespero daqueles que, sob as medidas de emergência, querem continuar a manter o antidemocrático, o ilegítimo e o ilegal". **Amauri Muller (PDT-RS):** "Alguém vem que assumir a responsabilidade pelo atentado terrorista que destruiu a sede da Tribuna Operária. Esses abusos constituem inaceitável lesão à lei e à ordem constitucional". **Haroldo Lima (PMDB-BA):** "A sede da Tribuna Operária foi vítima de um brutal e criminoso atentado terrorista, sendo incendiada. Na verdade, é o próprio governo o principal responsável por todos estes atos terroristas. Quando perpetrar a violência das medidas de emergência, o governo liberou a ação dos bandos fascistas paramilitares para praticarem as violências anônimas e covardes. O governo quer criar um clima falso e artificial que possa justificar novas violências contra o povo".

Ajuda para a reconstrução

Além da denúncia e solidariedade política, a Tribuna Operária vem recebendo também expressivo apoio material. É uma ajuda fundamental para a reconstrução do jornal, que conta somente com o apoio dos trabalhadores e democratas para fazer frente aos danos causados pelos terroristas. No Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, 10 diretores fizeram assinaturas de reconstrução, e quatro fizeram assinaturas de apoio à TO. Integrantes da equipe da Rede Globo, de São Paulo, doaram-nos Cr\$ 50 mil. De um técnico em eletrônica recebemos Cr\$ 50 mil, e de um funcionário público, Cr\$ 20 mil. Na plenária do Comitê Pró-Diretas/SP foram arrecadados Cr\$ 28.760,00. Arrecadação do Comitê Pró-Diretas do Centro-SP na Praça da Sé, Cr\$ 70 mil. Um trabalhador alemão, de passagem pelo Brasil, doou-nos Cr\$ 40 mil e uma lente para máquina fotográfica.

410 respostas ao terrorismo

São Paulo: Nefi Tales, presidente da Assembleia Legislativa; deputado estadual Waldemar Chubaci, presidente em exercício do PMDB; bancada do PT na Assembleia Legislativa; deputados estaduais: Manuel Moreira e Fernando Silveira; sindicatos: Metroviários, Jornalistas Profissionais e dos Empregados em Editorias de Livros; assembleia dos Bancários; diretor da APEOESP; Movimento Negro Pró-Diretas; Jornal Voz da Unidade; Proposta Editorial; Sr. Claudionor dos Santos Cardoso; União de Mulheres de São Paulo; Associação de Quadros e Caricaturistas. **Campinas:** vereador Natal Galassi; vereador Ozair Rizzo, presidente da Câmara Municipal; Sindicato dos Professores de Campinas; Bene Moraes, Federação de Teatro Amador. **Presidente Bernardes:** Dr. J. Guerra, presidente da Câmara Municipal. **Sertãozinho:** Joaquim Ademar Marques, prefeito; Edgar Gonçalves, presidente da Câmara Municipal; Jorge Roldan, presidente do Comitê Pró-Diretas; Plínio Sartir, presidente do PMDB; José Roberto Mazer, presidente do PDS; João Rocha, presidente do PT; Antônio Guerreiro, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos; Sílvia Derezno, presidente da Associação de Moradores de Sertãozinho. **São Bernardo do Campo:** moção de solidariedade de 22 operários da Glasurit; de 22 estudantes da Escola Técnico-Industrial "Lauro Gomes"; de 69 populares e entidades, entre as quais: Fundo de Greve de SBC; Comissões de Fábrica da Volkswagen, Volks Caminhão e Perkins; Sindicatos dos Metalúrgicos e dos Bancários; União Paulista de Estudantes Secundaristas e Metalúrgicos da Brastemp.

Rio Grande do Sul: Central Estadual dos Trabalhadores; Instituto dos Advogados; deputados Germano Rigoito, Rospide Neto (líder do PMDB); Sindicato dos Bancários. **Porto Alegre:** Sindicato dos Jornalistas, bancada do PMDB na Câmara; vereadores Jusara Cony e Antônio Hoffeld, abaixo-assinado de 13 vereadores.

Sergipe: abaixo-assinado do Sindicato dos Bancários; PMDB-Sergipe; deputado estadual Nelson Araújo; moção aprovada na assembleia geral da Universidade Federal do Sergipe (DCE e Associação dos Servidores). **Alagoas:** deputado estadual Eduardo Bonfim, abaixo-assinado da UEE-AL, DCE-UFAI e 14 Centros e Diretórios Acadêmicos; OAB-AL, União das Mulheres e Sociedade de Defesa dos Direitos Humanos distribuíram notas de repúdio; nota de solidariedade dos Sindicatos de Jornalistas, Médicos, Associação Alagoana de Imprensa e dezenas de entidades sindicais e pré-sindicais. **Espirito Santo:** deputados estaduais Josmar Pereira e Salvador Bonomo.

Viçosa: Estanislau Stein, vice-presidente da Câmara, e vereador Gildo Ribeiro. **Pernambuco:** deputados estaduais Sérgio Guerra (líder do PMDB) e Luciano Siqueira.

Acre: DCE da UFAC. **Bahia:** deputados estaduais Luis Nova, Colbert Martins, Vandilson Costa (suplente); Sindicatos dos Metalúrgicos, dos Jornalistas, dos Têxteis, dos Médicos, dos Enfermeiros; ABI-BA, Cons. de Representantes da Associação dos Professores Universitários, Comitê de Anistia e Direitos Humanos. **Vitória da Conquista:** prefeito José Pedral, vereador Ubirajara Mota, União das Mulheres. **Itapetinga:** Sociedade Beneficente do Artífice e Operários; abaixo-assinado com três vereadores; OAB-BA, UEB, DCEs da UFBA e UCSal e D.A. Bahiana.

Paraná: deputado estadual Jório de Lira Machado; chapa "Renovação" da AMPEP. **Maranhão:** funcionários do BANERJ de São Luiz. **Mato Grosso do Sul:** União Campoprandense de Estudantes.

Minas Gerais: Sindicato dos Jornalistas; bancada do PMDB, vereadora Helena Greco; abaixo-assinado de oito sindicatos, Federação dos Bancários; nove vereadores. **Alenas:** jornal "UAI".

Deposite sua contribuição na Conta 04202/0 da Agência 768 do Banco Itaú S.A. (SP), em nome de Divo Guisoni. Envie também fotos de personalidades políticas, sindicais e populares, e de manifestações para a reorganização de nosso arquivo. Toda ajuda é importante. A reconstrução da sede da Tribuna Operária depende do seu apoio.



José Carlos Dias: "Num país livre as idéias políticas são livres"

Dias: "Sinto-me atingido"

O secretário da Justiça do Governo do Estado de São Paulo, José Carlos Dias, enviou um ofício a nosso jornal no qual diz: "A violência praticada contra o jornal Tribuna Operária atinge a liberdade de imprensa e, portanto, a democracia que desejamos. Num país livre, as idéias

políticas são livremente veiculadas, sem qualquer restrição ou patrulhamento ideológico. Como cidadão e democrata, sinto-me atingido toda vez que uma idéia — ainda que não seja a que defendo — não pode ser transmitida porque a força a esmaga".

"Daremos apoio concreto"

Joaquim dos Santos Andrade (pres. Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo): "Discordâncias ideológicas e políticas não justificam atos truculentos, o terrorismo para amordaçar idéias. Não faltará nosso apoio prático e concreto aos companheiros do jornal Tribuna Operária. É necessário que se ponha fim a este tipo de violência".

"Lembra a pior fase do arbítrio"

Márcio Thomas Bastos, da OAB: "Fô um acontecimento deplorável que lembra o pior momento do arbítrio. Se desaparecessem documentos, isso dá a medida de que se trata de um atentado de conotação política, característica do terrorismo de direita".

Não queimaram as idéias do jornal

Deputada estadual Ruth Escobar: "Estarecida mas não surpresa, tomei conhecimento da violência praticada contra a redação da Tribuna Operária. Os remédios autoritários estão sendo restabelecidos, carregando a atmosfera de ameaças. Exercer a intransigência crítica na luta contra a irracionalidade e brutalidade tem sido considerado ato de baderna. Como estratégia prava, incendiaram o jornal. Queimaram as idéias?".

"Um crime absurdo, um vandalismo"

Margarida Genevosi, presidente da Comissão Justiça e Paz: "Esse atentado é um absurdo, um vandalismo. Nós o repudiamos e esperamos que seja investigado. O fato de acontecer na semana da votação da Dante de Oliveira, nos leva a interpretar que o propósito é atomizar a população, escolhendo a Tribuna para isto".

UNE quer ver o crime apurado

Flávio Dias Patrício (tesoureiro da UNE): "Os estudantes vêm manifestar sua solidariedade aos editores do jornal TO na sua luta pela apuração dos responsáveis pelo incêndio criminoso acontecido em sua sede".

"Esta é a mão que o general estende"

Apolinário Rebelo, presidente da UBES: "O atentado à TO a forma mais nida da 'mão estendida' do governo federal. A paternidade deste ato é a mesma dos que jogaram a bomba no Riocentro, na sede da OAB".

Quem apaga o fogo

Incêndio na Tribuna Operária em abril de 1984. Incêndio na UNE em 1964. Será a repetição do golpe, 20 anos depois? De forma alguma. A história abre caminho através de choques e conflitos e avança passando sobre o mesmo ponto várias vezes, mas em condições novas, num patamar superior, como se fosse uma espiral.

DIFERENÇA ESSENCIAL

O atentado à Tribuna Operária demonstra a fúria dos opressores, no desespero de não perderem seus privilégios. Nisto existe semelhança com o que aconteceu há duas décadas. Mas o outro lado da realidade é o povo. Naquela ocasião as massas estavam inebriadas por concepções reformistas, desarmadas, portanto, política e ideologicamente. Hoje os trabalhado-

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

UM LONGO CAMINHO
 Estamos assistindo ao ápice de um processo de luta pela liberdade que teve início na chamada "revolução de 1930". Esta marcha foi interrompida à força pelo Estado Novo, em 1937, teve um grande impulso com a queda ditadura de Vargas em 1945, veio atravessando abalos e sucessos até 1964, quando o golpe militar apresentou um baque de grande envergadura. Sem ver este conjunto, é impossível entender e avaliar o alcance da espetacular movimentação de massas que empolga o país e que levou o pânico a toda a gang do Planalto.

Fruto deste amadurecimento, chegamos a uma situação de impasse no país, aparentemente como o de 1964. Porém, na verdade, de qualidade diferente. Por isto, incendiaram e saquearam a Tribuna Operária, invadiram a "Hora do Povo", prenderam jornalistas da "Última Hora" e, por

absurdo que pareça tiveram de submeter a "Rede Globo" à censura. Mais do que isto, sitiaram Brasília, cercaram o Congresso, invadiram Câmaras de Vereadores e entidades, prenderam deputados, prefeitos, vereadores e religiosos, ameaçaram com um novo dilúvio de fascismo. Contudo o povo, sem medo, reagiu saindo às ruas em todo o país, inclusive a população de Brasília, até então sufocada pelo temor; os parlamentares ergueram a voz e exigiram respeito, e aqui na Tribuna choveram mensagens de solidariedade.

Hoje, a arrogância dos generais não consegue esconder a fragilidade das baionetas, quando estão isoladas e combatidas pelo povo unido. Está difícil para os poderosos continuar governando como antes. E o povo, embora que já não tolera a situação de despotismo, também vive uma nova situação política e social no país.

Desatinados, os fascistas incendiaram a Tribuna Operária visando a atomizar o conjunto da frente democrática. Em resposta, encontram mais impeto na luta das massas. Resta aos generais decidir se vão continuar ateando fogo pelo país. Podem se defrontar com uma situação cujas chamas não conseguirão mais apagar. Devem levar em conta que a classe operária e os comunistas, o povo e os democratas consequentes, não atuarão como bombeiros.

DECISÃO DE LUTA
 Quanto a nós, da Tribuna Operária, desde o início jamais tivemos a ilusão de que os ditadores seriam benevolentes com o nosso jornal. Não será o terrorismo que abalará nossa decisão de lutar. Podemos sofrer este, e muitos outros golpes. Entretanto, na hora da vitória, estaremos com a classe operária e com o povo, nas primeiras filas da batalha. (Rogério Lustosa)

Duplo atentado à Tribuna



Na madrugada do dia 22 de abril um incêndio criminoso destruiu todo o andar térreo da sede central da Tribuna Operária, em São Paulo. Inexplicavelmente os órgãos policiais impediram por 36 horas o acesso dos diretores do jornal e da imprensa ao interior do prédio destruído. No período em que estava sob a guarda da polícia, o jornal foi saqueado. Todo o arquivo fotográfico, uma teleobjetiva e outros materiais foram roubados.

Ficou plenamente caracterizada a ocorrência de dois crimes durante este domingo de Páscoa: primeiro o incêndio e depois o saque. A Polícia Militar e Civil — de âmbito estadual — e a Federal não assumiram a responsabilidade pela interdição da sede do jornal. A 5ª Delegacia de Polícia abriu inquérito, mas até o fechamento desta edição só havia feito a perícia técnica e não ouviu nenhuma testemunha que presenciou o incêndio. A Polícia Federal, por sua vez, apareceu fortemente armada para recolher livros, cartazes e panfletos a fim de fazer uma "análise do conteúdo ideológico do material".



O andar de baixo da Tribuna foi completamente destruído pelas chamas; pouco se salvou

vantamento junto a testemunhas oculares que prova a origem criminosa do incêndio. O fogo teve início de madrugada, com dois focos distintos: um na sala da administração — totalmente destruída — e no cômodo dos fundos, distante seis metros, onde funcionava o arquivo — parcialmente queimado.

Antônio Jorge mora na pensão da rua Vicente Prado, 54, cujos fundos estão voltados para o quintal do jornal. Ele chegou em casa às 4h50m, logo deitou. "As 5h20m acordei e já estava alto o fogo", explica Jorge. Teresa Garcia, dona da pensão, levantou-se assustada e imediatamente telefonou para a polícia, pois as labaredas já estavam próximas das janelas, ameaçando se alastrar para os prédios vizinhos.

Sob custódia da polícia a Tribuna foi saqueada



Policiais militares e federais, armados, ocuparam a TO

Durante as 36 horas em que o prédio da Tribuna ficou sob custódia da polícia, ocupado por soldados da PM e agentes da Federal, processou-se um saque que trouxe mais prejuízos que o incêndio. Foram roubadas 8,5 mil fotografias do arquivo, uma teleobjetiva e outros objetos. Enquanto isso os policiais, com revólveres e até metralhadora em riste, não deixavam ninguém entrar ou sair da casa onde funciona a Redação.

A proprietária do prédio da Tribuna disse que viu um agente da Polícia Federal, "baixo, gordo e de barba com uma teleobjetiva na mão lá dentro da minha casa, quando foram telefonar". O furto foi realmente escolhido, porque deixaram a capa da teleobjetiva recheada de papel ao lado de um minigravador, máquina fotográfica e fitas cassetes. Por volta do meio-dia de domingo, Divo Guisoni, gerente administrativo do jornal, conseguiu entrar rapidamente no prédio sinistrado e ainda pôde ver o armário do arquivo com as gavetas abertas e as fotos espalhadas. Quando veio a liberação do edifício, as fotos já haviam desaparecido. É um prejuízo incalculável para o jornal a perda desse material fotográfico, na sua maioria exclusivo, fruto de mais de quatro anos de trabalho de fotógrafos do Brasil todo e do exterior.

A ação de vandalismo não se restringiu ao térreo atingido pelo fogo. Na parte superior da casa, onde funciona a Redação, a fúria dos policiais passou como um furacão, deixando o chão forrado de papéis, livros, revistas, material gráfico e fitas cassetes.

A proprietária, que mais uma vez serviu de testemunha, entrou de manhã nas salas da Redação e constatou que elas estavam com as coisas em seus devidos lugares. Só um pequeno cofre encravado na parede não foi vasculhado porque os agentes da polícia federal não tinham uma pircareta ou um maçarico para poder abri-lo.

DESCRÉDITO TOTAL
Enquanto estava na 5ª DP, Divo Guisoni tentou incluir em seu depoimento que alguns livros que estavam nas mãos da Polícia Federal foram retirados da sede do jornal. Mas os agentes negaram que estivessem com as publicações, apesar da evidência em contrário, comentada até pelos jornalistas presentes.

A própria ação da polícia contribuiu para o seu descrédito ou revolta da população frente a seus atos. Enquanto o jornal estava sob sua guarda foram saqueados diversos materiais e a polícia não ouviu nenhuma testemunha que pudesse dar algum indicativo dos autores do incêndio. Fica a indagação: a quem recorrer em caso de atentado ou roubo?

História de perseguições

Este foi sem dúvida o mais grave atentado contra a Tribuna Operária, mas não o único. Somou-se a uma longa série. Em 27 de agosto de 1980, no mesmo dia em que uma bomba assassinava dona Lyda Monteiro, na OAB do Rio de Janeiro, a sucursal carioca da TO foi invadida e parcialmente destruída por uma bomba. Os criminosos jamais foram encontrados.



Machado morreu defendendo a TO

Logo após o atentado terrorista do Riocentro, a Polícia Federal apreendeu toda uma edição do jornal, com a manchete "Figueiredo engole a Bomba". A edição seguinte teria o mesmo destino.

Em setembro de 1982, foi instaurado inquérito com base na LSN contra os responsáveis pela Editora Anita Garibaldi, que publica a Tribuna, devido à revista Guerrilha do Araguaia, apreendida e depois liberada. Outro inquérito pela LSN atingiria os jornalistas Pedro de Oliveira, Rogério Lustosa, Bernardo Joffily e Olívia Rangel, devido à coluna "Lições da Luta Operária".

Um artigo sobre a greve geral, em janeiro de 1983, custaria aos quatro jornalistas outro inquérito, dessa vez com base na Lei de Greve.

Olívia Rangel e Pedro de Oliveira respondem a processos pela Lei de Imprensa, por cartas publicadas na seção "Fala o Povo". Em 6 de abril, Olívia chegou a ser condenada a 40 dias de prisão (com direito a sursis), embora o proces-

so já estivesse prescrito. "Uma medida eminentemente política contra o jornal", para o advogado Luís Eduardo Greenhalgh.

A sucursal da TO em Arapiraca, Alagoas, foi depredada a mando da reação em fins de 1983. Em março último, o diretor dos Correios de Porto Alegre tentou impedir o envio dos exemplares dos assinantes.

Em 27 de fevereiro, morria assassinado o responsável pela TO em Pio XII, Maranhão, José Machado. Possível, morto num conflito de terras, ele despertara a ira dos latifundiários por sua firme defesa do jornal.

Em 16 de março, o coronel do Exército Marne Paiva, chefe do Inera no Acre, investiu contra vendedores da TO.

Testemunha vê dois suspeitos pulando o muro

A proprietária do prédio onde funciona a TO mora com sua irmã 30 metros distante do incêndio. Ela disse que por volta das 4h30m ouviu uma forte pancada. Saiu à rua gritando "polícia" e alertando os vizinhos. Notou que havia um incêndio, correu para casa e chamou o Corpo de Bom-

beiros. Nesse ínterim a moradora do nº 80 da rua Adoniram Barbosa chegou à janela e viu três jovens parados em frente à sede da TO, enquanto uma viatura policial do trânsito se aproximava com os revólveres em punho. Segundo a moradora, os policiais conversaram com os três indivíduos, mas em seguida se afastaram enquanto os suspeitos se dirigiam para a avenida Brigadeiro Luís Antônio.

A presença de elementos estranhos em frente ao jornal foi notada também por uma moradora de um edifício que fica a cerca

de 50 metros da Tribuna Operária. V.S. trabalha de doméstica e levantou de madrugada para cuidar do bebê e quando saiu a janela um fato lhe chamou a atenção: "Por volta das 4h30m eu vi dois rapazes sentados em cima do muro (N.R.: O muro fica sobre um porão que dá acesso ao pátio da casa). Um era moreno e outro branco. Eles saíram correndo em direção à avenida Brigadeiro", explica a testemunha. Daí a pouco ela viu as labaredas se alastrarem pelo fundo do quintal e depois a chegada dos bombeiros e da polícia.

O jornal precisa de você

Diante do duplo crime do domingo de Páscoa, a Tribuna Operária tem recebido a comovedora solidariedade de milhares de trabalhadores e democratas. Maciça, unânime, vigorosa, a solidariedade manifesta-se também em gestos concretos — com destaque para a ajuda material visando reconstruir e reparar a Redação do jornal.

Ao mesmo tempo, chamamos todos os brasileiros que dão valor à liberdade de imprensa, em especial a classe operária, a redobrar os esforços para a reconstrução do jornal. Coletas, doações, assinaturas de apoio, iniciativas de venda e divulgação da Tribuna são mais do que nunca bem-vindas. Nosso semanário, que sempre se apoiou exclusivamente em suas vendas e no apoio do povo trabalhador, conta com ele para continuar, mais forte do que antes, a luta que iniciou há quase cinco anos.

O fogo quase atingiu uma pensão vizinha

Na casa ao lado da Tribuna existe uma outra pensão onde moram dez rapazes. Mas a dona da casa e os hóspedes só acordaram depois que o fogo tinha se alastrado.

Depois que os bombeiros apagaram o fogo, viam-se os restos calcinados onde funcionava a administração e a sucursal de São Paulo. Estantes, escrivaninhas, telefones e máquinas de escrever, derretaram ou viraram cinzas. No cômodo do arquivo, o fogo derrubou o telhado, mas uma parte escapou das chamas pela ação dos bombeiros. Apagado o fogo, outro crime se seguiria, desta vez sob a forma de saque.



Uma mesa destruída mostra a violência com que o fogo se propagou, destruindo parcialmente o jornal

O arquivo foi saqueado; 8.500 fotos desapareceram